

Filmes, Cinemas e Documentários no fim da Belle Époque no Pará (1911-1914)

Pere Petit*

Introdução

O cinema chega ao Brasil junto milhares e milhares de estrangeiros procedentes da Europa. Alguns desses viajantes, aventureiros ou imigrantes foram os principais responsáveis pelas primeiras exhibições cinematográficas, venda de equipamentos (projetores-filmadoras e rolos de filmes, a maioria procedentes da França e dos Estados Unidos da América), e filmagens realizadas em diferentes partes do país.

Continuam sendo ainda muito confusas ou contraditórias as informações sobre as exhibições e filmagens realizadas nas principais cidades brasileiras durante o período do cinema silencioso. O mesmo ocorre em Belém e em outras cidades paraenses, contudo, algumas pesquisas realizadas por estudiosos do cinema no Pará, e o cruzamento do resultado das mesmas com estudos realizados em outros estados do país, sobretudo através das informações fornecidas por pesquisadores da história do cinema de Manaus e de alguns estados do Nordeste, nós ajudarão a seguir avançando na “reconstrução” da história do cinema paraense desde 1896 até a I Guerra Mundial (1914).

Esse é o principal objetivo das próximas páginas nas quais pretendemos sintetizar alguns dos resultados da pesquisa atualmente em andamento, intitulada *Contribuição ao Cinema Paraense do Cineasta Catalão Ramon de Baños no fim da Belle-Époque Belemense (1911-1913)*. Esta pesquisa, ainda que esteja focalizada nos anos que Ramon de Baños residiu em Belém, também pretende contribuir ao conhecimento do primeiro período da história do cinema paraense (ou “tempo dos Pioneiros”), fase que denominamos de Cinema Ambulante e Sazonal, isto é, desde a

* Professor da Faculdade de História da UFPA, doutor em História Econômica pela USP, mestre pela Universidad Central de Venezuela, formado em História Contemporânea pela Universitat de Barcelona.

primeira exibição de material cinematográfico realizada em Belém, dezembro de 1896 até 1910.

A segunda fase se inicia em 1911, quando foram construídas na capital do Pará algumas salas destinadas (quase) exclusivamente à exibição de filmes e documentários, e conclui em 1913 quando se a crise econômico-financeira na região amazônica provocada pela queda do valor das exportações de borracha também repercutiria negativamente na atividades lúdico-culturais, especialmente teatrais e musicais, e consolidação ou expansão das atividades cinematográficas na região amazônica.

Belém na fase do Cinema Ambulante e Sazonal: 1896-1910

Nas últimas décadas do século XIX e primeira do século XX, favorecida pelo “boom gomífero”, Belém experimentou um rápido crescimento demográfico e das atividades econômico-financeiras e se consolidou como principal centro comercial, financeiro e político da Amazônia.

Em 1872 residiam em Belém quase 62 mil pessoas, aproximadamente 100 mil em 1890, mais de 150 mil em 1910 e cerca de 200 mil no Censo de 1920. Parte desse crescimento demográfico deve ser creditado à chegada de muitos nordestinos e também de imigrantes europeus, sobretudo portugueses e em menor medida, espanhóis, italianos e franceses. Segundo dados de José Veríssimo em 1909 chegaram ao Pará 3.539 imigrantes estrangeiros; 6.418 em 1910 e 6.086 em 1911 (VERÍSSIMO, 1970, p. 254).

Segundo o principal pesquisador da história do cinema no Pará, Pedro Veriano, o primeiro projetor de imagens apresentado em Belém foi o Vitascope patenteado por Edison.

Foi em 29 de dezembro de 1896, no Theatro da Paz, um programa que não teve muita repercussão e que depois seria severamente criticado em Manaus por sua deficiência técnica (VERIANO, 1999, p. 11).

Seguramente foi o italiano Nicola Parente, em 1897, o primeiro a exhibir filmes em Belém com o Cinematographo dos irmãos Lumière. Apesar de que não foram ainda encontradas fontes documentais e hemerográficas, nem outros pesquisadores do cinema

paraense confirmem essa hipótese, essa idéia é referendada por especialistas da história do cinema de outros estados brasileiros, sobretudo do Nordeste.

Nicola Parente, italiano nascido em 1846, chegou ao Brasil em 1865: “*Em 1896, numa viagem sentimental ao seu país, esteve na França, onde tomou conhecimento do cinema e comprou projetores e filmes*” (WILLS, 1989).

Após retornar da Europa, Nicola Parente viajou e residiu em diferentes estados brasileiros exibindo filmes, trabalhando como fotógrafo e filmando alguns documentários, até se fixar no Pará, concretamente na cidade de Abaetetuba, onde abriu uma loja de produtos fotográficos, criou família e trabalhou para o *Jornal da Mata*, até a sua morte, em 1911, vítima de uma explosão provocada por manipulação de carbureto (VERIANO, 1999, p. 13).

Antes de residir em Abaetetuba, Nicola Parente esteve em diferentes momentos em Belém, sobretudo durante as festividades do Círio de Nazaré, mas retornemos às informações das suas viagens de Belém ao Nordeste e do Nordeste a Belém e Manaus:

.
Nicola Parente foi o primeiro a realizar projeções cinematográficas na Paratiba em 1897, por ocasião das comemorações da Festa das Neves (...). O aparelho de Parente, um Lumière, foi comprado pelo italiano em Paris” (WILLS, 1989).

No trabalho intitulado *Cidade de Fortaleza: 1897-1945: do Cinematógrafo aos Anos de Guerra*, Ary Bezerra Leite nos informa que o Cinematographo Lumière foi exibido pela primeira vez em Fortaleza por Dionísio Costa (farmacêutico de profissão) e Nicola Parente, com apoio do capitalista cearense Alfredo Salgado, em 1897:

Os exibidores procediam de Belém do Pará e, pelo menos Dionísio Costa, segue para a Bahia, onde faz apresentações no Polytheama Bahiano, a partir de dia 4 de dezembro de 1897. Nicola Maria Parente faz sua temporada baiana entre 9 de julho e 10 de outubro de 1898.

As primeiras notícias sobre um dos principais pioneiros das atividades cinematográficas na Venezuela, Argentina, Uruguai e em diferentes estados brasileiros foi o italiano Giuseppe Filippi (ou José Filippi). Está documentada a sua estadia, entre outras cidades do país, na capital do Maranhão nos meses de julho e agosto de 1902,

como escreve Maria Luiza Nóbrega de Moraes em *Recuperando Informações para a História do Cinema em Pernambuco*:

Antes de São Luis, apresentou-se no Teatro Politeama em Belém do Pará (...). J. Fillipi utilizava um moderno aparelho que funcionava a luz elétrica através de gerador. Entre todas as companhias que visitaram o Maranhão, naquele período, teria sido a de maior sucesso pela nitidez das imagens e pela variedade das fitas (...). Os primeiros registros de filmagens em São Luiz são de J. Fillipi

Nas duas semanas dos mês de outubro, nas quais se festeja o Círio de Nazaré, era o momento que um maior número de filmes eram apresentados o público do Pará. No Círio de 1911, eram doze as salas ou barracas nas quais eram exibidos, diariamente, filmes, a maioria europeus, o que demonstra o crescente interesse dos paraenses pelo cinema e também a renhida concorrência que existia entre os diferentes cinematógrafos. No último dia da festa do Círio mais de 1.500 pessoas assistiram no Theatro Odeón, propriedade de Joaquin Llopis, às nove sessões que foram realizadas (BAÑOS, 1991, p. 61).

Os Cinemas de Llopis, o Cinema Olympia e as exhibições de Ramon de Baños

Em novembro de 1911, os jornalistas de Belém foram convidados a assistir no Teatro Odeón, também conhecido pelo nome de Cinema Ideal, à exibição dos primeiros documentários filmados por Ramon de Baños em Belém: *Embarque do eminente Dr. Lauro Sodré, O Cyrio e o Dia dos Finados em Santa Izabel* (BAÑOS, 1991, p. 67).

Ramon de Baños escreve na sua autobiografia mbra que quando ele exibiu para Joaquin Llopis *O Embarque do eminente Dr. Lauro Sodré*, Llopis ficou muito emocionado e afirmou que essa era a primeira “película” filmada e produzida no Pará.

Seguramente essa informação não seja verdadeira, pois temos constância que outros pioneiros do cinema que passaram por Belém aproveitaram a suas estadias em outras localidades do país para realizar alguns documentários e os pesquisadores do primórdios do cine paraense nos informam da exibição em Belém, desde 1903, de

alguns documentários sobre assuntos paraenses, por exemplo, sobre a devoção à Virgem de Nazaré, do Bosque Municipal de Belém e do fenômeno da pororoca no Rio Guamá.

Até hoje ninguém conseguiu identificar os autores dessas filmagens nem encontrar qualquer cópia das mesmas. Lembrando que as máquinas dos Lumière podiam filmar e também projetar, Pedro Veriano avalia que talvez fosse Nicola Parente o responsável pelas primeiras filmagens no Pará, “mas não deixou provas concretas do trabalho” (VERIANO, 1999, p. 13-14). Contudo, ninguém discute que antes de Ramon de Baños assumir as filmagens da empresa de Llopis, *The Pará Films*, nunca existiu em Belém uma casa produtora de películas.

Com ajuda de Baños e de posse do equipamento e os filmes que haviam comprado na Europa, Joaquim Llopis pretendia construir em Belém, com o seu sócio italiano Callicchio, um cinema mais moderno, com maior capacidade de público e que funcionasse diariamente, pois o Teatro Odeon não era muito “*confortável nem apto para certa classe de famílias e, além disso, estava um pouco longe dos lugares chiques onde acudia a gente que podia gastar*” (BAÑOS, 1991, p. 63).

Após algumas tentativas frustradas, esse projeto foi concretizado no dia 16 de março de 1912 sendo batizado com o nome de Salão Rio Branco, em homenagem ao Ministro de Relações Exteriores, Barão do Rio Branco, que tinha falecido um mês antes. O Salão Rio Branco situado numa das laterais do Teatro da Paz, ao lado do Café da Paz foi por apenas um mês “*o mais novo e luxuoso cinema de Belém*” (BAÑOS, 1991, p. 109). O cinema era permanentemente perfumado por uma bateria de dez perfumadores automáticos de ar comprimido inventado por Ramon de Baños.

No dia da inauguração foram exibidos os filmes *O Oriental* (drama) e *A policia no Anno 2000*, e o documentário filmado por Ramon de Baños sobre os atos político-religiosos realizados em Belém em homenagem ao Barão do Rio Branco (BAÑOS, 1991, p. 111).

No mês abril foi inaugurado em Belém o Cinema Olympia, propriedade da empresa Teixeira&Martins, localizado na atual Avenida Presidente Vargas, quase em frente do Teatro da Paz, sendo considerado na época um dos melhores cinemas do país com “*400 poltronas, muita iluminação, potentes ventiladores, salão de espera e orquestra*” (SALLES, 1994, p. 239).

Em agosto de 1912 Llopis e Callicchio, ante uma proposta “*econômica inmelhorável*” (BAÑOS, 1991, p. 124), decidiram alugar o Salão Rio Branco à firma Teixeira, Martins e Cia do Pará, que pretendia assumir o controle dos principais cinemas em Belém e construir outros cinemas em Manaus. A partir de setembro Ramon de Baños se desvinculou formalmente da empresa The Pará Films e passou a trabalhar para a Teixeira, Martins e Cia.

Após ser inaugurado o cinema Olympia existiam em Belém doze salas de exibição cinematográfica (VERIANO, 1983, p. 18). O incremento das atividades cinematográficas na capital do Pará, certamente influenciou o número de pessoas que assistiam a outras atividades “culturais” em Belém, especialmente teatrais e musicais (SALLES, 1994).

Segundo a historiadora Valéria Reis, alguns intelectuais de Belém mostraram a sua preocupação pelos efeitos negativos que, segundo eles, o “boom” do cinema estava provocando para as outras atividades da indústria cultural e para as bons costumes e moral dos belemenses (REIS, 2003, p. 22).

A crise econômica também chega ao Cinema

Em 1910 o Brasil produziu 39.560 toneladas de borracha e as plantações asiáticas 47.618 toneladas. A produção e exportação de borracha pelo Brasil se mantiveram relativamente estáveis até 1920, entretanto a produção asiática nunca deixou de aumentar: 47 mil toneladas em 1913; 107 mil em 1915; 304 mil em 1920 e 800 mil toneladas em 1930.

O fator determinante do colapso econômico-financeiro da Amazônia brasileira foi provocado pela queda dos preços da borracha no mercado internacional a partir de 1912. Na década de 1890 as toneladas de borracha exportadas pelo Brasil foram vendidas na média anual de 309 libras a tonelada, em 1910, ano em que alcançou a maior cotação, seu preço elevou-se a 665 libras, cinco anos depois se pagavam apenas 200 libras por tonelada e 72 libras em 1921. Como afirma Vicente Salles: “No Pará – certamente no Amazonas – a chamada belle époque teve fim desastroso (...) em 1912 a falência da borracha estava decretada irremediavelmente” (SALLES, 1994, p. 219).

Na sua autobiografia Ramon de Baños apenas fez uma menção explícita à crise econômica que sofria a Amazônia brasileira pela queda do preço da borracha exportada, concretamente quando resume uma das conversas que manteve em setembro de 1913, com o

intendente de Santarém, Sr. Chermont, após afirmar que nas últimas décadas pelas cidades da Amazônia “*corriam rios de ouro*”, o intendente se lamentava da ação do botânico inglês Henry Alexander Wickham, afincado em Santarém, ao ter contrabandeado para a Inglaterra, em 1876, 70 mil sementes de seringueira (*Hevea brasiliensis*), que deram como fruto o nascimento de plantações de seringais no sudeste asiático (BAÑOS, 1991, p. 165).

Nas cartas enviadas por Ramon de Baños a Barcelona em 1912, dirigidas a sua futura esposa Rosa Argentó (“Rosita”) somente numa delas fez menção à crise econômica, concretamente quando tenta desanimar a Pepe, parente da sua namorada, de desistir da sua idéia de viajar a Belém: “Dile que siento mucho no poder decirle ya que venga, pues por aquí también hay bastante crisis (Arquivo Ramon de Baños, Biblioteca da Filmoteca de Catalunya, Barcelona, Carta a Rosita, 14/08/1912, pasta 4.1.2_100).

Nas cartas escritas no segundo semestre de 1913, a crise econômica que sofria Belém já era uma das principais preocupações de Baños, inclusive ele começava a pensar seriamente na possibilidade de retornar a Barcelona. As suas cartas mais esclarecedora foram escritas por Baños durante o Círio de Nazaré de 1913: “Este año resulta bastante pobre la fiesta comparada con los años anteriores, ya se comprende: no hay dinero” (Carta a Rosita, 10/10/1913, pasta 4.1.3_107).

Durante as filmagens do documentário *Recoleção da Borracha no Estado de Pará* Ramon de Baños contraiu uma espécie de paludismo intermitente que a quinina e outros remédios não estavam conseguindo sarar, e o médico que o tratava em Belém o aconselhou a retornar por um tempo a Barcelona, embarcando em Belém para Lisboa no dia 11 de dezembro de 1913.

Em 1914, já em Barcelona, Ramon de Baños recebeu duas cartas escritas desde Belém por dois seus principais amigos nas quais a crise econômica era o tema principal das mesmas. Na primeira, escrita no dia 17 de março por Alejandro Seabra podemos ler: “*Os negócios aqui correm muito mal. Nada se faz. Eu estou tratando de outros negócios pois as representações não[sic] dão apenas para café*” (Arquivo Ramon de Baños, pasta 4.5.3_005). Na outra carta, com data de 25 de outubro, escrita por Joaquim Llopis em resposta a uma carta anterior de Baños, Llopis escreve:

Pregunta si hay algo por aquí y lo único que por aquí abunda y cada vez más es la... miseria. No sé se estás enterado que dividí la sociedad con el Sr. Calicchio y que desde o día 15 estoy solo con el Odeon y él quedó con el Rio Branco (Arquivo Ramon de Baños, pasta 4.5.3_001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAÑOS, Ramon. **Un Pioner del Cinema Català a l'Amazònia**. Barcelona: Íxia Llibres, 1991.
- _____. **Notas íntimas de un "cameraman español** [manuscrito original da sua autobiografia]. Barcelona: 1970 (disponível na Filmoteca de Catalunya).
- LASA, Joan Francesc de. **Els Germans Baños: Aquell primer cinema català**. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1996.
- LEAL, Wills. **O Discurso Cinematográfico dos Paraibanos: a história do cinema na-da Paraíba**. João Pessoa: Ed. A União, 1989, p. 15; apud GOLZIO, Derval Gomes, *Utilização Político-Ideológica da Fotografia: estudo das imagens publicadas no jornal A União durante a disputa política no Estado da Paraíba-1930*. Dissertação de Mestrado em Multimedios, Unicamp, 1997.
- LEITE, Ary Bezerra: **Cidade de Fortaleza: 1897-1945 - do Cinematógrafo aos Anos de Guerra**. Acesso 19/07/2010. Acesso 22/09/2010: www.memoriadocinema.com.br/telaprateada.html
- MATOS, Marcos Fábio Belo. **De Paris a São Luís: O Percurso do Cinema**. Acesso 10/03/2010: http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=73&Itemid=72
- MORAIS, Maria Luiza Nóbrega de. **Recuperando Informações para a História do Cinema em Pernambuco: Agenda do Cinema Ambulante (1900-1909)**. Acesso 22/09/2010: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:UXw8BGNMd1MJ:www.almanaquedacomunicacao.com.br/files/others/marialuizanobregademorais.doc+Maria+Luiza+N%C3%B3brega+de+Morais+LEITE,+registra+a+presen%C3%A7a&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
- REIS, Valéria Vilma Eleutério. **Luz & Sombras: Cinema e Modernidade em Belém do Pará, 1912-1922**. Monografia, Graduação em História, UFPA, 2003.
- RELIVALDO DE OLIVEIRA. **Em cartaz: Um cineasta, uma cidade, uma época?**. Acesso 17/02/2009: <http://relivaldo.blogspot.com/2008/08/em-cartaz-um-cineasta-uma-cidade-uma.html>.
- SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro e Época**. Belém: UFPA, 1994.
- SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do Velho Intendente Antonio Lemos (1869-1973)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- VERIANO, Pedro (coord.). **A crítica de cinema em Belém**. Belém: Secult/PA, 1983.
- _____. **Cinema no Tucupí**. Belém: Secult, 1999.
- VERÍSSIMO, José. **Estudos Amazônicos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.